

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS- LICENCIATURA

THUANE SANTANA MOTTOLA

ONDE O FEMINISMO E A EDUCAÇÃO POPULAR SE ENCONTRAM?
Uma discussão sobre democracia e liberdade

São Leopoldo
2021

THUANE SANTANA MOTTOLA

ONDE O FEMINISMO E A EDUCAÇÃO POPULAR SE ENCONTRAM?

Uma discussão sobre democracia e liberdade

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em
Biologia pelo Curso de Ciências Biológicas
da Universidade do Vale do Rio dos Sinos
- UNISINOS

Orientadora: Prof.^a Dra. Miriam Steffen Vieira

São Leopoldo

2021

À Sônia Santana Coelho, dedico.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Eliana, agradeço por tanto, por todo amor e cuidado ao longo de todos os anos. Agradeço imensamente por ser minha principal referência enquanto mulher. Tenho enorme orgulho de ti.

Ao meu pai. Amilton, agradeço por todo apoio, carinho e cuidado, da sua forma.

À minha irmã, Dani, agradeço por todo seu incentivo.

À minha irmã de coração, Mariana, agradeço imensamente por existir e se fazer presente ao longo de todos esses anos. Agradeço por me permitir te ensinar ao longo da tua trajetória, e te agradeço por me ensinar tanto ao longo da minha.

À minha orientadora Miriam Steffen Vieira, agradeço por todo incentivo, cuidado, dicas, correções, paciência ao longo deste trabalho de conclusão. Gostaria de deixar registrado o quão incrível és enquanto mulher, pessoa, professora e pesquisadora. Eu realmente não poderia ter tido melhor parceira ao longo desta trajetória. Agradeço-lhe imensamente por ter compartilhado um pouco de seu tempo e conhecimento comigo.

Aos meus amigos próximos, nem preciso mencionar nomes. Lhes agradeço por todo apoio ao longo dos anos, por todos os incentivos, cuidados, por simplesmente me ouvirem desabafar ao longo de minha trajetória acadêmica, principalmente ao longo do último ano. Agradeço por serem quem são e por sermos quem somos.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a todos meus ex-alunos no pré-vestibular popular, especialmente às participantes deste trabalho de conclusão. Agradeço por me permitirem compartilhar meu conhecimento com vocês, mas principalmente por todo aprendizado que vocês me trouxeram ao longo dos anos. Vocês me mostraram o caminho da docência.

RESUMO

Enquadrado na temática das relações de gênero, feminismos e educação popular, o foco da pesquisa foram as percepções das mulheres sobre a educação popular e destas formações em suas vidas e em suas inserções no ensino superior, especialmente para mudanças nas relações de gênero e possibilidades de autonomia. Para tanto, teve como objetivo principal identificar e analisar as percepções de mulheres adultas sobre a educação popular e destas formações em suas vidas, ressaltando a importância de suas inserções no ensino superior, especialmente para mudanças nas relações de gênero e possibilidades de autonomia. À luz disto, foi realizada uma caracterização sociológica das participantes verificando a relação entre elas nesta modalidade de educação popular e a autonomia das mulheres. Com base nas entrevistas, notou-se ser mais do que necessária a discussão das temáticas de gênero e educação popular, bem como a discussão sobre melhorias no ensino por parlamentares, sabendo que a sociedade se desenvolve de forma mais harmoniosa quando existe igualdade de ensino e um sistema socioeconômico de qualidade. É por meio da abordagem informativa envolvendo esses assuntos que conseguiremos educar para a diversidade e, assim, diminuir as várias desigualdades presentes em nossa sociedade.

Palavras-chave: educação; vestibular; gênero; diversidade; feminismo.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	3
RESUMO	4
1 DIVERSIDADE DE GÊNERO E EDUCAÇÃO	6
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
2.1 A História das Mulheres no Ensino	9
2.2 A Educação Popular e o Ensino	10
3 METODOLOGIA	11
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	13
4.1 Caracterização sociológica das participantes da pesquisa e formas de ingresso no curso	13
4.2 Experiência de participação no curso	14
4.3 Mudanças na vida privada e profissional	15
4.4 Relações com feminismos e formas associativas	16
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS	19
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- TCLE	22
APÊNDICE B – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	23

1 DIVERSIDADE DE GÊNERO E EDUCAÇÃO

“[...] Nem serva, nem objeto.
Já não quer ser o outro.
Hoje ela é o também.
A despeito de tanto mestrado.
Ganha menos que o namorado.
E não entende por quê.
Tem talento de equilibrista.
Ela é muita se você quer saber [...]” (LEONE, 2009)

A citação escolhida para iniciar este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi escrito pela compositora e cantora brasileira, Priscilla Novaes Leone, conhecida por Pitty. Nesta música, a compositora aponta sua compreensão sobre “ser mulher”, fazendo referência a um conceito formulado por Simone de Beauvoir no livro *O Segundo Sexo*. Segundo a filósofa, a mulher ocupa a posição do Outro do homem: ou seja, ela não é definida como um ser humano completo e universal, mas em comparação ao homem e a partir do olhar dele.

Desde os anos de 1960 os movimentos feministas e LGBTQIA+ vem enfatizando o debate sobre identidade, práticas sociais e de gênero (LOURO, 2010). Dessa forma, gênero faz parte de uma construção embasada pela sociedade a partir de uma percepção biológica (SCOTT, 1990).

No ano de 1970, as Nações Unidas instituíram o dia 8 de março como o Dia Internacional da Mulher (BLAY, 2001). uma data escolhida para celebrar as conquistas dos movimentos feministas e reivindicar direitos igualitários para as mulheres em todas as vertentes da vida.

A Constituição da República Federativa do Brasil traz consigo o Art.205, onde estabelece que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (BRASIL, 1988). Em contrapartida, questões de gênero e sexualidade quando debatidas, são constantemente colocadas em pauta e disputadas por grupos conservadores e aqueles que trabalham pela diversidade (SEFFNER, 2016).

Para garantir o exercício pleno desse direito, novas propostas de ensino foram implantadas a fim de oportunizar a educação de forma democrática. Dessa forma, surge a luta constante pela democratização do acesso à educação superior visando o debate sobre o sistema de ensino público (PEREIRA, 2012). O surgimento de cursos preparatórios gratuitos para vestibulares se insere neste processo e estão associados à desigualdade presente no ensino, sofrida por muitos jovens e adultos de baixa renda (IBGE, 2020).

A discussão entre gênero e educação é fundamental para a interpretação da sociedade (SEFFNER, 2019). Estudos indicam que a tradição da universidade ser um espaço masculino foi rompida em 1970 (BARROSO, 1975; CASTRO, 2018; SEFFNER, 2020).

A possibilidade de mulheres terem acesso à educação superior é recente (ARANHA, 2006) e corresponde a um marco histórico na luta por direitos. Uma vez que a democratização do acesso ao ensino influencia diretamente em melhores possibilidades de concorrência no mercado de trabalho e ocupação de espaços de lideranças controlados historicamente por homens (MAYER, 2014).

Além desta dimensão relacionada à cidadania e trabalho, há uma dimensão de autonomia a partir da educação popular e conhecimento. Paulo Freire (1987) cita o ensino popular como uma metodologia libertadora e democrática. Mulheres diversas e plurais identificam no ensino um meio de emancipação, ainda que conste um grande caminho em busca da igualdade entre gênero. Assim, nas últimas décadas as mulheres têm assumido maiores papéis de protagonismo em suas próprias vidas e trajetórias.

A partir destas perspectivas, este Trabalho de Conclusão de Curso está enquadrado nesta ampla temática das relações de gênero, feminismos e educação popular. O foco da pesquisa são as percepções das mulheres sobre a educação popular e destas formações em suas vidas e em suas inserções no ensino superior, especialmente para mudanças nas relações de gênero e possibilidades de autonomia. Para tanto, o referencial empírico desta pesquisa são mulheres maiores de idade e que passaram cursos preparatórios para pré-vestibular entre o período de 2016 a 2020. Foram realizadas três entrevistas, com a metodologia detalhada apresentada mais adiante. Por questões de ética da pesquisa, os nomes mencionados neste trabalho são fictícios, preservando a identidade das participantes, conforme especificado no projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unisinos.

Este estudo possui como intuito auxiliar na desconstrução de uma educação excludente, levantando as bandeiras do movimento feminista e movimentos em prol da educação popular que lutam pelo acesso ao ensino de qualidade e democrático refutando ideias e pensamentos por décadas vistos com “naturalidade” por uma sociedade patriarcal, classista, racista, heteronormativa e machista. O feminismo e a educação popular juntam-se para apontar e alertar a sociedade perante falas e ações excludentes, para lutar pela afirmação dos seres humanos como pessoas, pelo ser livre. Se comprometem com os oprimidos, assim como Freire (1987), em busca de um mundo melhor e que seja possível viver em sua plenitude e amar (HOOKS, 2013).

O interesse pela temática surgiu ao lecionar e vivenciar a rotina da Rede Emancipa - pré-vestibular gratuito na cidade de Gravataí, município do estado do Rio Grande do Sul e, posteriormente, durante disciplinas de cunho pedagógico da graduação em Ciências Biológicas – ênfase em licenciatura.

Fundado em 2007, a Rede Emancipa - Movimento Social de Educação Popular atua, especialmente junto a jovens e adultos oriundos de escolas públicas, por meio de cursos pré-vestibulares gratuitos. A Rede Emancipa luta em prol da democratização do ensino superior e pela valorização da educação pública, gratuita e socialmente referenciada, a partir da problematização de processos seletivos marcados pela desigualdade social. A sede do município de Gravataí contempla, também, três núcleos da Rede: Emancipa Mulher, Emancipa Esporte e Emancipa Cultura. Como professora de curso preparatório para vestibular gratuito, desde 2016, passei a me interessar sobre a relação entre gênero e educação, especificamente, sobre o acesso de mulheres da periferia ao ensino superior.

Embora existam muitos estudos sobre educação popular e diversidade de gênero, acredita-se que este estudo possa conquistar resultados positivos relacionados ao processo desmistificar e documentar a emancipação das mulheres através da educação popular, o qual se fazem necessários estudos acerca da temática perante a realidade das comunidades. O feminismo é de extrema importância para que o mundo seja mais justo e igualitário, levanto a extinção do racismo, elitismo e imperialismo (HOOKS, 2018).

Em uma democracia, o princípio da dignidade humana exige que as pessoas possam ter voz nas decisões que as afetam e que sua voz seja considerada. Por essa razão, provavelmente, não há nenhuma ideia que se associa de forma mais abrangente com a sala de aula

democrática do que o envolvimento de jovens na tomada de decisões sobre o que deve ser feito, e como. (BEANE, 2017, p. 1054)

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo foi organizado em duas partes que se complementam. Na primeira, discorro sobre o referencial teórico que embasa este TCC, o qual dialoga sobre a história da mulher referente ao ensino. Na segunda parte, apresento um pouco sobre a história dos movimentos educacionais juntamente da educação popular no Brasil.

2.1 A História das Mulheres no Ensino

Segundo os dados do IBGE (2020), as mulheres são maioria em escolas, universidades e cursos de qualificação. Entretanto, é notório e significativo que seus salários sejam inferiores aos dos homens, mesmo desempenhando o mesmo serviço (INEP, 2020).

Historicamente as mulheres sempre obtiveram dificuldades para acessar o ensino, segundo Aranha (2006, p. 229), em “algumas famílias mais abastadas, às vezes elas recebiam noções de leitura, mas se dedicavam sobretudo às prendas domésticas, à aprendizagem de boas maneiras e à formação moral e religiosa”. Conforme cita “desde o período colonial, a educação feminina era restrita ao lar e para o lar, ou seja, aprendiam atividades que possibilitassem o bom governo da casa e dos filhos”.

Toda mulher deve, pois, ser cuidadosamente preservada do trabalho exterior, a fim de poder preencher dignamente sua santa missão. Voluntariamente encerrada no santuário doméstico, a mulher aí promove livremente o aperfeiçoamento moral de seu esposo e de seus filhos, cujas justas homenagens ela aí dignamente recebe (COMTE, 2000, p. 278).

Ao decorrer do século XIX surge uma das poucas profissões bem vistas perante a sociedade para mulheres, conforme cita Aranha (2006, p. 229), “a criação da seção feminina na Escola Normal da Província, em 1875”, possibilitou que as mulheres se profissionalizarem na “carreira do magistério”.

Bezerra (2010, p. 03) observou que as mulheres “foram por muito tempo tidas como biologicamente inferiores, como menos inteligentes do que os homens. Essa diminuição da mulher em relação ao homem contribuiu para o difícil acesso das mulheres ao ensino superior”, e grande parte dessas mulheres eram condicionadas ao lar e a criação de filhos. Como mostrou Alves (2009, p.131): “Nesse arranjo, as mulheres tiveram menor acesso à escola do que os homens, pois além de a oferta de vagas ser pequena, a cultura sexista e patriarcal designava aos homens o papel de provedores”.

Aranha (2006, p. 292) cita que “a primeira mulher a se matricular na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro foi Dona Ambrozina de Magalhães, em 1881”. Enquanto para Bezerra (2010), a primeira mulher a ingressar na universidade no Brasil, foi no estado da Bahia no ano de 1887. Já para Beltrão e Alves (2009), foi somente em 1887 que Rita Lobato Velho Lopes tornou-se a primeira mulher a se graduar. Apesar de datas divergentes, todos relatos corroboram que a mulher brasileira só acessou o ensino superior depois de 1880.

Souza e Sardenberg (2013, p. 04) concluem que “No Brasil, o início da luta por esse direito data do século dezenove, mas será somente a partir dos anos 1960 que as mulheres brasileiras começaram a ter presença, de fato, no ensino superior”. Ainda assim, muitas mulheres, atualmente, possuem dificuldade em acessar o ensino superior.

2.2 A Educação Popular e o Ensino

Com a intensificação do ensino superior a incluir a comunidade de baixa renda, foram criados cursos pré-vestibulares gratuitos, também chamados comunitários ou populares, os quais se consolidaram no Brasil na década de noventa e possuem como principal objetivo a democratização do ensino (ZAGO, 2008). Conforme cita Dourado, Catani e Oliveira (2004) foram organizadas diversas iniciativas para protestar contra a realidade enfrentada pelos jovens e ao mesmo tempo produzir ações de combate às desigualdades na educação. Tais iniciativas contaram com diferentes participações, sobretudo a igreja católica, o movimento negro em diferentes vertentes, o movimento estudantil, movimento sindical e o movimento comunitário (ZAGO, 2008).

O pré-vestibular gratuito possui origem, também, nos movimentos comunitários com diferentes vertentes sociais envolvidos: professores de escola pública,

estudantes, centros comunitários (ZAGO, 2008). Conforme observa Silva (2005) é possível perceber a presença de diferentes ideologias dentro do movimento do pré-vestibular gratuito, das quais se destacam como principais as religiosas e a político-partidária.

Conforme indicam estudos (ZAGO, 2008; PEREIRA, 2012) não possuímos dados precisos sobre os resultados dos cursos pré-vestibulares populares, entretanto, as informações existentes permitem concluir que esses cursos vêm exercendo um papel de grande importância na sociedade e no acesso ao ensino superior.

[... A academia não é o paraíso, mas o aprendizado, é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula com todas suas limitações continua sendo ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, exigir de nós e de nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permite encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginemos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade...]
(HOOKS, 2013, p. 273)

3 METODOLOGIA

Descrevo aqui os encaminhamentos metodológicos que permitiram a produção do material empírico desta pesquisa. O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa (POUPART, 2010), com base em entrevistas abertas com mulheres adultas, ex-alunas de cursos gratuitos preparatórios para o exame de ingresso no ensino superior, residentes da cidade de Gravataí – Rio Grande do Sul. As entrevistas focalizaram a realidade vivenciada pelas mesmas na rede pública de ensino e suas participações em cursos preparatório gratuitos para vestibular, entre os anos de 2016 e 2020, na cidade de Gravataí, pertencente a região metropolitana de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul.

A seleção das participantes da pesquisa ocorreu a partir do conhecimento prévio deste campo, como docente voluntária nesta modalidade de educação popular. A pesquisa foi desenvolvida a partir da participação de três mulheres, com idades entre 21 anos e 42 anos, que concordaram em contribuir com a pesquisa de forma voluntária. seguindo as recomendações do Comitê de Ética em Pesquisa, ao qual a pesquisa foi submetida e aprovada no ano de 2021, saliento a necessidade da

existência do termo em pesquisas com seres humanos, ter o aceite dessas mulheres através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As entrevistas foram realizadas no formato online, a partir do aplicativo de TEAMS, onde o TCLE foi lido antes de dar início as entrevistas e obteve-se plena concordância de todas as participantes. Os nomes das participantes mostram-se fictícios ao decorrer do estudo, utilizando-se como referência participante A, B e C, visando preservar a identidade das participantes.

O contato inicial com as participantes ocorreu por meio de redes sociais, para tanto saliente já possuir vínculo com elas, desde suas participações como alunas de pré-vestibulares gratuitos onde lecionei a disciplina de biologia voluntariamente. As participantes foram escolhidas de forma aleatória. Foram enviados convites para oito mulheres e participaram aquelas que concordaram voluntariamente. As entrevistas ocorreram em horários distintos, como melhor encaixasse na rotina das participantes. O tempo de duração de cada entrevista também visou respeitar a disponibilidade de todas, variando entre 20 minutos e 107 minutos.

A fim de levantar informações sobre o conceito de diversidade de gênero e educação popular, foi utilizada uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório (DESLAURIERS, 2010), com objetivo de proporcionar maior proximidade com o problema e torná-lo mais explícito. De acordo com Creswell (2007), a pesquisa qualitativa é fundamentalmente interpretativa, assim, seus dados foram filtrados por meio de uma lente pessoal, baseando-se na interação e comunicação.

De todas as questões levantadas nas entrevistas, escolhi quatro temáticas para abordar neste TCC:

- a) percepções sobre o ingresso no curso;
- b) experiência de participação no curso;
- c) mudanças na vida privada e profissional;
- d) relação da participação no curso com feminismos e formas de associativismos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Caracterização sociológica das participantes da pesquisa e formas de ingresso no curso

Quadro 1: Caracterização das participantes da pesquisa.

Participantes	idade	Raça/cor	Possui filhos	Situação conjugal	Sexualidade	Trabalho
A	21 anos	Branca	Não	Solteira	Bissexual	Sim
B	23 anos	Branca	Não	Solteira	Bissexual	Não
C	42 anos	Negra	Sim	Casada	Heterossexual	Sim

Fonte: Elaborado pela autora.

Primeiramente, questiono se as participantes já participaram de um curso pré-vestibular, onde se localizava, por quanto tempo cursaram e como elas haviam conhecido, se informado sobre a existência do curso. Como esperado, todas participantes já passaram pela modalidade da educação popular.

A participante A, atualmente com 21 anos, menciona que cursou o mesmo na Iniciativa Popular Estudantil (IPE), localizado em Gravataí, durante o ano de 2016 e alguns meses do ano de 2017, até ser aprovada em uma seleção para cursar o ensino superior. A ex-aluna menciona ter sido informada da existência do novo curso, que nasceu no mesmo ano na cidade, fruto da vontade de uma aluna de história da UFRGS, através de seus professores, enquanto ainda cursava o terceiro ano do ensino médio.

A participante B, atualmente com 23 anos, também cursou o pré-vestibular na Iniciativa Popular Estudantil, mas diferentemente da participante A, ela já cursava um curso técnico profissionalizante e soube da existência do curso através de uma ex-professora do ensino básico, no ano de 2016.

Diferentemente das demais, a participante C, hoje com 42 anos, cursou a modalidade na Rede Emancipa juntamente de sua filha, no ano de 2019. Ela soube pela filha que haviam iniciado as inscrições para o pré-vestibular gratuito, e prontamente se matriculou. Assim, todas noites de quinta-feira as duas se dirigiam juntas para a sede do curso na cidade de Gravataí.

Assim como menciona Aranha (2006), Aragão e Kreutz (2010), as mulheres permanecem exercendo muitos papéis ao mesmo tempo. Entretanto, atualmente buscam sua autonomia através de oportunidades de qualificação, corroborando com o fato de a universidade ter deixado de ser um espaço exclusivamente masculino (BARROSO, 1975; CASTRO, 2018; SEFFNER, 2020).

4.2 Experiência de participação no curso

Em seguida, pergunto as mesmas sobre a importância da existência dos pré-vestibulares gratuitos na inserção das mulheres no ensino superior. Unanimemente, cada uma da sua forma, as participantes alegam grande importância, sempre ressaltando como a existência da educação popular é de grande valia para que haja maior equilíbrio em relação ao acesso à educação, principalmente quando falamos de mulheres de baixa renda oriundas do ensino básico público.

A participante A discorre sobre sua trajetória com pleno orgulho do esforço árduo de estudar pela manhã e cita “A formação oferecida pelas escolas privadas é superior em relação as escolas públicas, muita gente não tem como pagar. A escola pública não prepara o aluno para o vestibular. Eu tive esse preparo graças ao cursinho.”.

Também ressaltam que a oportunidade acarreta melhores oportunidades profissionais e interpessoais. A participante B diz “A demanda de pessoas que precisam desse apoio é enorme. O cursinho popular também não é igual para todo mundo, há aqueles que vão ter mais tempo, outros menos tempo, então como cada um vai utilizar essa ferramenta sempre vai ser diferente, mas ele tem que existir.” As falas se originam a partir da impossibilidade que seria custear o ensino superior de forma privada e concorrer por vagas ou bolsas de estudos com alunos oriundos de colégios particulares, os quais possuem um ensino diferenciado. Segundo Sampaio (2009), há uma grande diferença entre os colégios privados e públicos. Avaliações realizadas pelo INEP mostram que aproximadamente menos de 10% dos alunos apresentam desempenho considerado "adequado".

Todas mencionam seus próprios questionamentos, sobre qual seria o perfil dessas mulheres. A importância é para todas, mas cada realidade se distinguem. Elas citam, também, a importância do elo social, afetivo e político presente no curso pré-vestibular gratuito, a partir das inúmeras realidades paralelas vivenciadas em

união. A participante C menciona “Eu saí dali e vi que eu não era aquela pessoa que não sabia nada, pelo fato de ter ficado anos sem estudar. Eu olhava e nossa, é muito bom. Eu saia dali e conversava com as gurias, construía amizades. O cursinho vai além daquele mundinho das aulas.”

Pensar políticas públicas voltadas para as mulheres torna-se cada dia mais necessário. A existência de um cursinho popular é uma reivindicação democrática construída por ações comunitárias, enquanto amparadas por lutas de minorias e mantido pelas minorias. (PEREIRA, 2012).

4.3 Mudanças na vida privada e profissional

Ao serem questionadas sobre suas experiências durante os cursos, todas afirmam ter tido boas experiências. Pergunto, também, de que forma a participação delas no pré-vestibular influenciou em suas vidas. A participante A menciona “Havia dias que eu só queria ficar em casa e descansar, mas me levantava e ia para a aula”. Mesmo cursando o ensino básico, ela ainda participava da orquestra de Porto Alegre e todas as noites ia assistir as aulas do pré-vestibular gratuito. Com tal persistência, ela passou no vestibular para cursar licenciatura em História na Universidade Luterana do Brasil e atualmente está prestes a se formar. Ela também cita que até cursar o pré-vestibular não tinha muita noção sobre o que gostaria de cursar, caso passasse no vestibular, e foi com o auxílio dos professores voluntários que ali ministravam aulas, que ela passou a se conhecer melhor e soube em que área gostaria de atuar profissionalmente.

A participante B menciona “A educação popular é libertadora. Eu vim de uma escola pública e a escola não me deu preparo [...]” relembrando sua jornada paralela ao se preparar para um futuro vestibular e concluir um ensino técnico, juntamente da pressão emocional de ser a primeira com plena possibilidade de cursar o ensino superior em sua família. Ela relata que sempre foi muito amparada pela mãe, principalmente quando pensou em desistir diante do cansaço da jornada paralela. A persistência dela e de sua mãe, que tanto apoiou suas escolhas, levaram ela a hoje estar cursando Engenharia Ambiental na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, e ela ressalta “Eu não tinha tanta confiança de que iria conseguir, mas fui atrás. Minha família paterna falava “ah, mas só estuda, né”, mas a minha mãe sempre me deu total apoio”.

Com mais experiência emocional e de vida, a participante C demonstra grande apreço pela experiência de ter vivenciado tal período ao lado da filha e tendo a oportunidade de servir de estímulo para que a filha não desista de entrar na universidade e trilhar caminhos diferentes do que ela escolheu para si. Ela também menciona grande orgulho em falar em seu trabalho e para todos que a conhecem, que já participou do projeto de ensino popular “De início achava que ali não seria o meu lugar, uma mulher de 40 anos. Mas entrei e vi que ali estavam mulheres diferentes umas das outras. Senti que os jovens olham e não julgam pela nossa idade, que o meu tempo já tinha passado. Não. Ali é para todo mundo junto.”

Todas relatam terem conquistado muito aprendizado, mas não só no que se trata da educação, como também sobre elas mesmas. Também relatam que construíram bonitas relações com seus colegas e professores, mas ressaltam que o vínculo com as professoras do curso sempre se demonstrara mais fortes, afirmando maior cuidado por parte das discentes com os alunos.

Conforme cita Sevenhuijsen (1998), a ética do cuidado pode ser pensada quando nos concentramos em valores, como levando em consideração a necessidade de afeto e zelo nos relacionamentos. Uma das ações importantes das teóricas feministas tem sido é buscar evidenciar como o afeto e o gênero estão interligados. É também perceptível que há um consenso entre as teóricas quando elas reconhecem o ato de cuidar, na sociedade moderna, é uma função condicionada às mulheres.

Poderia se dizer que a teoria política moderna definiu seu domínio e objeto de modo a excluir o cuidado de sua perspectiva: ela confina o cuidado à esfera privada. No domínio do discurso político-filosófico, o cuidado está relacionado com afeições, corpos, o que é ‘pessoal’, o amor e o lar, e, portanto, com feminilidade e com as mulheres. (SEVENHUIJSEN,1998, p.72).

4.4 Relações com feminismos e formas associativas

Por fim, pergunto para as participantes sobre o conhecimento delas sobre o conceito de feminismo e se elas possuem ou já possuíram algum vínculo com lutas provenientes do movimento feminista ou outro.

A participante A relata que teve o primeiro contato com estudos feministas a partir de aulas ministradas no curso pré-vestibular, através de falas das colegas e professoras. A partir dessas experiências, ela passou a compreender o conceito e a

questionar algumas vertentes um pouco mais excludentes do feminismo, o que levou ela por muitas vezes discordar sobre ser feminista.

A participante B se distingue do relato da participante A ao prontamente afirmar se identificar com a vertente do feminismo Marxista, entretanto, também questionou e ainda questiona vertentes excludentes. Ela participa atualmente de um diretório acadêmico, o qual está fundando um pré-vestibular gratuito. Em seu relato ela demonstra grande influência da sua vivência em suas escolhas atuais, e que a sua experiência aflora a vontade de devolver para outros estudantes a oportunidade que ela teve.

Diferentemente das demais, a participante C não se recorda sobre como ou quanto soube sobre movimentos feministas. Ela se identifica com as pautas feministas, mas não menciona claramente se reconhecer ou não como feminista. Ela busca sempre incentivar as filhas, sendo a mais velha com 19 anos, a ir atrás de seus sonhos.

Em relação ao conceito de feminismo, Alves e Pitanguy (1985) afirmam que o feminismo quer uma identidade mais livre dos padrões femininos e masculinos, e que não há um conceito exato sobre o termo, já que existem muitas vertentes. Adichie (2015) cita que ser feminista nada mais é do que a pessoa que acredita na igualdade em todos os aspectos.

Pensar o ensino como um espaço democrático, na perspectiva com a qual estou trabalhando neste TCC, é tomá-lo como um espaço de reconhecimento e valorização de diversidades, incluindo as diversidades de gênero. Assim sendo, é oportuno pensar que o acesso de um ensino básico de qualidade não é uma realidade entre todos. Evidenciando-se na vida das mulheres.

[...] serve para questionar e problematizar as desigualdades sociais que se sustentam em características definidas como diferenças (corporais, psíquicas e sociais, dentre outras) que importam, quando se trata de classificar e hierarquizar indivíduos como homens e mulheres, uma vez que incorpora o pressuposto de que não são diferenças dadas pela natureza e, sim, produzidas na/pela cultura. Gênero inclui, ainda, a problematização dos modos pelos quais aprendemos e somos ensinados (pelos artefatos culturais, pelas instituições sociais, pelos sujeitos com os quais convivemos) a nos tornarmos homens e mulheres, masculinos e femininos, isto é, sujeitos de gênero [...]. (FELIX, 2012, p.15).

Desta forma, analisando as respostas obtidas nas entrevistas à luz do referencial teórico utilizado neste trabalho, percebo que ainda há uma incompreensão dos conceitos de gênero e feminismo por parte dos estudantes enquanto ensino básico. Principalmente, em como é a aplicação desses conceitos nas instituições de ensino.

Acredito que todos somos pertencentes e possuímos o direito enquanto estudantes de possuímos um ensino digno e de qualidade, do ensino básico até os níveis de pós-graduação. Portanto, é imprescindível que os docentes estejam atentos/as, sensibilizados/as e qualificados/as para ensinar e para interferir naquelas situações em que o desrespeito e a desigualdade se encontrarem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos registros apresentados nesta pesquisa, nota-se ser mais do que necessária a discussão das temáticas de gênero e educação popular, bem como a discussão sobre melhorias no ensino por parlamentares, sabendo que a sociedade se desenvolve de forma mais harmoniosa quando existe igualdade de ensino e um sistema socioeconômico de qualidade. É por meio da abordagem informativa envolvendo esses assuntos que conseguiremos educar para a diversidade e, assim, diminuir as várias desigualdades presentes em nossa sociedade.

Considerando as respostas das participantes voluntárias, ficou perceptível que a maioria concorda sobre a eficácia e necessidade de expansão dos cursos preparatórios gratuitos para vestibulares. Acredito, com base na literatura abordada e na minha breve experiência enquanto professora voluntária em cursos pré-vestibular gratuitos, na importância da abordagem das questões de gênero e de haver incentivo para que mulheres plurais tenham a oportunidade de escolher seus próprios caminhos através de uma educação verdadeiramente democrática.

Por fim, reconheço os privilégios que me foram conferidos ao longo de anos e agradeço a oportunidade de estudar temas que despertaram inquietude neste cenário conservador, onde a censura velada causa pânico em muitos profissionais da educação. Deste modo, devemos continuar lutando ao lado uns dos outros.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. *O que é Feminismo*. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1985.

ARAGÃO, Milena; KREUTZ, Lúcio. **Do ambiente doméstico às salas de aula: novos espaços, velhas representações**. *Conjectura*, Caxias do Sul, v.15, n.3, p. 106-120, dez. 2010.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

BARROSO, Carmen Lúcia de M.; MELLO, Guiomar Namó de. **O acesso da mulher ao ensino superior brasileiro**. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.15, p.47-77. dez. 1975.

BEANE, James. **ENSINAR EM PROL DA DEMOCRACIA**. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v. 15, ed. 4, p. 1050 – 1080, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/35531>. Acesso em: 20 jun. 2021

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

BELTRÃO, Kaizô Iwakami; ALVES, José Eustáquio Diniz. **A reversão do Hiato de Gênero na educação brasileira no século XX**. *Cadernos de Pesquisa*, v. 39, n. 136, p. 125-156, jan./abr. 2009.

BEZERRA, Nathalia. **Mulher e Universidade: a longa e difícil luta contra a invisibilidade**. Conferência Internacional sobre os Sete Saberes, 2010, Fortaleza. Anais. Fortaleza: UECE, 2010.

BLAY, Eva Alterman. **8 de março: conquistas e controvérsias**. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2001,

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, Senado, 2010

CASTRO, Amanda Motta; DE LA PAZ, Nivea Ivete. Núñez. **Educação popular e estudos feministas**. *Revista de Educação Popular*, v. 17, n. 2, p. 80-88, 3 out. 2018

COMTE, Augusto. *Catecismo Positivista*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

CRESWELL, John. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto** / Tradução de Luciana de Oliveira da Rocha. - 2. Ed. - Porto Alegre: Artmed, 2007.

DESLAURIERS, J.-P.; KÉRISIT, M. **O delineamento de pesquisa qualitativa**. In: POUPART, J. et al. (Orgs.). A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p.127-53.

DOURADO, Luiz Fernandes; CATANI, Afrânio Mendes; OLIVEIRA, João. **E Políticas públicas e reforma da educação superior no Brasil: impasses e perspectivas**. Pro-Posições, Campinas, SP, v.15, n. 3, p. 91-115, 2004.

FELIX, Jeane. "Quer teclar?": aprendizagens sobre juventudes e soropositividades através de bate-papos virtuais. Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo Martins Fontes, 2013.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ministério da Economia (Brasil). Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica número 43. **SÍNTESE DE INDICADORES SOCIAIS: UMA ANÁLISE DAS CONDIÇÕES DE VIDA DA POPULAÇÃO BRASILEIRA**, Rio de Janeiro, 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo Escolar**, 2020. Brasília: MEC, 2020.

LEONE, Priscilla. **Desconstruindo Amélia**. Álbun: Chiaroscuro. 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann ; KLEIN, Carin ; DAL'IGNA, Maria Cláudia ; ALVARENGA, Luiz Fernando Calage . **Vulnerabilidade, gênero e políticas sociais: a feminização da inclusão social**. Revista Estudos Feministas (UFSC. Impresso), v. 22, p. 885-904, 2014

PEREIRA, Thiago; RAIZER, Leandro; MEIRELLES, Mauro. **A luta pela democratização do acesso ao ensino superior:** o caso dos cursinhos populares. Revista Espaço Pedagógico, v. 17, n. 1, 27 jan. 2012.

POUPART, J. et al. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa:** enfoques epistemológicos e metodológicos. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

SAMPAIO, Breno; GUIMARÃES, Juliana. **Diferenças de eficiência entre ensino público e privado no Brasil.** Econ. aplic., São Paulo, v. 13, n. 1, p. 45-68, 2009.

SCOTT, Joan. Gênero. Uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, São Paulo, v. 16, n. 2, 1990.

SEFFNER, Fernando; MOURA, Fernanda Pereira. **PERCURSO ESCOLAR, PLURALISMO DEMOCRÁTICO E MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA: NECESSÁRIAS NEGOCIAÇÕES.** LINGUAGENS, EDUCAÇÃO E SOCIEDADE, p. 191-219, 2019.

SEFFNER, Fernando & PICCHETTI, Yara de Paula. **A quem tudo quer saber, nada se lhe diz:** Uma educação sem gênero e sem sexualidade é desejável? Reflexão e Ação (Online), v. 24, p. 61-81, 2016

SEFFNER, Fernando. **Cultura escolar e questões em gênero e sexualidade:** o delicado equilíbrio entre cumprir, transgredir e resistir. RETRATOS DA ESCOLA, v. 14, p. 75-90, 2020.

SEVENHUIJSEN, Selma. Citizenship and the ethics of care: Feminist considerations on justice, morality and politics. Londres, Nova York. 1998.

SILVA, R. T. da. **Pré-vestibular comunitário da Rocinha:** a latência da racialidade na tensão entre as estratégias reguladoras e as táticas subversivas. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, 28., 2005, Caxambu, M.G. Anais eletrônicos... Caxambu, MG: ANPEd, 2005.

SOUZA, Regis Glauciane Santos de; SARDENBERG, Cecília Maria B. **Visibilizando a mulher no espaço público:** a presença das mulheres nas universidades. Seminário Internacional Fazendo Gênero, 10., 2013. Anais... Florianópolis: UFSC, 2013.

ZAGO, Nadir. **Cursos pré-vestibulares populares:** limites e perspectivas. Revista Perspectiva, Florianópolis, v. 26, n. 1, 149-174, jan.-jun 2008. Doi: 10.5007/2175-795x.2008v26n1p149.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- TCLE

Você está sendo convidada/o a participar de uma pesquisa realizada pela Miriam Steffen Vieira, do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, intitulada: *ONDE O FEMINISMO E A EDUCAÇÃO POPULAR SE ENCONTRAM? UMA DISCUSSÃO SOBRE DEMOCRACIA E LIBERDADE*. O projeto se propõe analisar as percepções de mulheres adultas que passaram por curso popular preparatório pré-vestibular entre o período de 2016 a 2020, na cidade de Gravataí/RS, com o objetivo de verificar a relação entre educação popular e mudanças nas relações de gênero e possibilidades de autotomia em suas vidas e em suas inserções no ensino superior. Você participará de uma entrevista, ou seja, de uma conversa em profundidade guiada por algumas questões. Esta conversa terá duração de aproximadamente uma hora e será gravada em vídeo, mas que posteriormente será utilizado apenas o áudio para transcrição. Sua identidade será confidencial e os nomes reservados. Os dados obtidos serão utilizados somente para fins de investigação, sendo os mesmos devidamente armazenados pela pesquisadora.

A sua participação é voluntária e terá a liberdade de retirar o seu consentimento, a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo para a sua vida pessoal. A pesquisa possui riscos mínimos, por se tratar de uma conversa que oportuniza reflexão e respeito aos seus tempos. Se a entrevista ocasionar algum tipo de mal-estar e considerar necessário um acompanhamento especializado, será indicada a rede de saúde local. Em caso de dúvida ou novas perguntas você pode entrar em contato com a pesquisadora, pelo email miriamsv@unisinov.br. Você receberá resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento acerca dos assuntos relacionados a esta pesquisa.

O seu consentimento será gravado após a leitura deste termo. Aceita participar da pesquisa? SIM/NÃO

APÊNDICE B – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1. Você participou como aluna de um curso pré-vestibular gratuito?
 - 1.1 Onde ele se localizava?
 - 1.2 Por quanto tempo você cursou?
 - 1.3 Como conheceu?
2. Na sua visão, qual a importância do curso pré-vestibular gratuito na inserção das mulheres no ensino superior?
3. Como foi a sua experiência ao participar do curso pré-vestibular gratuito?
4. De que forma a sua participação em um curso pré-vestibular gratuito contribuiu na sua vida?
5. O que você pensa sobre o feminismo?
 - 5.1 Você participa de algum grupo, associação?